



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LUANA KÉSSIA DE BRITO BARBOSA SILVA

**UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DA VIOLÊNCIA URBANA EM AROEIRAS-PB
E SUA INFLUÊNCIA NA APROPRIAÇÃO TERRITORIAL**

CAMPINA GRANDE-PB / 2015

LUANA KÉSSIA DE BRITO BARBOSA SILVA

**UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DA VIOLÊNCIA URBANA EM AROEIRAS-PB
E SUA INFLUÊNCIA NA APROPIAÇÃO TERRITORIAL**

Trabalho monográfico apresentado à banca examinadora da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, para a obtenção da graduação em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior.

CAMPINA GRANDE-PB / 2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- S586a Silva, Luana Késsia de Brito Barbosa.
Uma análise geográfica da violência urbana em Aroeiras-PB e sua influência na apropriação territorial / Luana Késsia de Brito Barbosa Silva. – Campina Grande, 2015.
55 f. : il. color.
- Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.
- Orientação: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior.
Referências.
1. Geografia e Violência Criminosa. 2. Violência Urbana - Aroeiras - PB. 3. Rebatimentos Socioespaciais. I. Souza Júnior, Xisto Serafim de Santana de. II. Título.

CDU 91+323.285(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA - CGEO

BANCA EXAMINADORA DE: LUANA KESSIA DE BRITO BARBOSA
SILVA

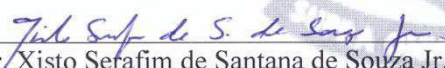
TÍTULO: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DA VIOLÊNCIA URBANA
EM AROEIRAS-PB E SUA INFLUÊNCIA NA
APROPRIAÇÃO TERRITORIAL

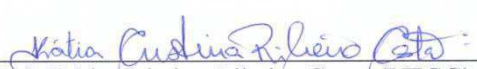
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

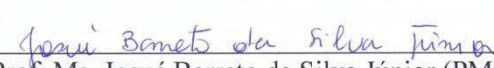
MONOGRAFIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Curso de Licenciatura em Geografia

Campina Grande (PB), 13 de novembro de 2015.


Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Jr. (Orientador)


Prof. Dr. Kátia Cristina Ribeiro Costa (UFCG) (examinadora)


Prof. Ms. Josué Barreto da Silva Júnior (PMS) (examinador)

Universidade Federal de Campina Grande
Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária
Campina Grande-PB, 58429-140. Bloco BC 2. Telef. da UAG: 83. 2101 - 1722

Dedico este trabalho a Deus, por ter me concedido a dádiva da vida, a saúde, a fé e a esperança de que tudo iria dar certo, para que assim eu pudesse realizar todos os feitos acadêmicos neste curso e agora estar concluindo-o com esta monografia. Dedico também a todas as pessoas que foram vítimas de violência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois, foi graças à saúde física e mental que ele me concedeu que consegui traçar minha jornada acadêmica, para agora estar finalizando esta etapa, e pedindo discernimento para continuar esta caminhada, crendo que no final a recompensa será vitoriosa, se assim me conceder o senhor meu Deus.

Ao professor Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior, por ter aceitado orientar esse trabalho e me guiado neste processo de aprofundamento do conhecimento científico, dedicando inúmeras horas da sua vida, tão ocupada, para nos reunirmos em prol deste trabalho, procurando sempre me incentivar a dar o meu melhor para concretizá-lo. Agradeço também por ter me dado todo o suporte para o desenvolvimento dessa pesquisa, através da qual criou-se uma aproximação, em que ele se mostrou ser um professor muito ético, competente, honesto, tranquilo, compreensivo, ágil, e com tantas outras qualidades, inclusive a qualidade de saber ser professor e ao mesmo tempo amigo. Desde já, professor Xisto, lhe parabeno pela pessoa que o senhor é, e só me resta agradecer-lhe por tudo!

A todos os professores que fizeram parte de minha jornada acadêmica no curso de Geografia, desde os primeiros períodos até os momentos finais da graduação, em especial aqueles que além de professores, tornaram-se meus amigos, como Martha Priscila, Lincoln Diniz, Luiz Eugênio Carvalho e Sérgio Malta.

À Professora Maria Eunice de Oliveira Figueiredo, a qual, não poderia esquecer-me de agradecer, tendo em vista que me ensinou desde o ensino Infantil até o Ensino Fundamental I, pois ela foi muito importante para o meu início de aprendizado escolar, bem como me mostrou os valores humanos, como por exemplo, respeitar o próximo, contribuindo, assim, para que eu fosse uma criança melhor, e conseqüentemente me tornasse uma adulta compreendida do que é a vida.

Aos funcionários que compõem a Universidade Federal de Campina Grande, especialmente os que fazem parte da Unidade Acadêmica de Geografia, por terem sido gentis todas as vezes que precisei de ajuda ou alguma informação da coordenação do curso, principalmente aqueles que estavam sempre presentes, Marcelo, Anny e Simone.

À minha turma, (Geografia 2011.1) por terem sido meus companheiros desde o início do curso, fortalecendo-me nas amizades, nas conversas, nas aulas de campo, tão divertidas, nas quais tivemos a oportunidade de estarmos juntos, me fazendo rir com as brincadeiras. Meus agradecimentos, principalmente, as pessoas que mais me

incentivaram para a concretização desse trabalho: Ana Dayanne Barbosa, Luanna Jeanny de Moraes Silva, Renata Belarmino, Isabel Correia de Araújo, Jozineide Pereira, Danilo Nascimento, Jonathas Medeiros e tantos outros colegas de curso que tive o prazer de conhecer melhor e conviver com muita alegria, cumplicidade e união. A vocês deixo aqui meus eternos agradecimentos!

Aos moradores da cidade de Aroeiras-PB, principalmente aqueles que deixaram suas atividades e dedicaram uma parte de seu tempo para me concederem as entrevistas, permitindo que eu pudesse expor neste trabalho suas opiniões a respeito da cidade em que vivem.

Ao meu pai Eraldo César e a minha mãe Severina Lúcia, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, e por terem me concedido toda a educação e suportes necessários para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, mostrando as coisas mais importantes para a vida, como o amor, a união, a fé em Deus, a cumplicidade, a honestidade, o respeito e tantos outros valores.

Aos meus irmãos, Aline Barbosa e Eraldo Júnior, pelos momentos de carinho, felicidade, amor, união e também briguinhas que tivemos, por terem sido tão especiais desde a minha infância até os dias atuais, sem perdermos o amor e o respeito um pelo outro, posso afirmar que vocês contribuíram para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje.

Ao meu esposo Sandoval Alves por ter me acompanhado e incentivado a cumprir essa jornada acadêmica, na qual, muitas vezes, pensei em desistir por encontrar tantos obstáculos. Mas com o seu incentivo e a fé em Deus superei as dificuldades e me fortifiquei para conseguir chegar ao final, com a realização deste trabalho tão importante na minha vida profissional. Obrigado pelo seu amor, carinho, fidelidade, companheirismo e atenção!

A todos os meus familiares pelo apoio desde o princípio de minha vida, aos meus avós paternos José Marques e Maria Souza, que ainda estão presentes em nossas vidas, aos meus avós maternos José Feliciano e Maria do Carmo (*In memoriam*), por terem passado os valores necessários para a vida, os quais, ficaram enraizados em nossa família.

Aos meus tios, primos, padrinho e madrinha, cunhados, sogros, o meu muito obrigado! Por fim, agradeço a todos que contribuíram de forma ou indireta para a concretização desse trabalho.

RESUMO

A violência tem sido concebida como um dos principais problemas urbanos, pois ela interfere diretamente no cotidiano das pessoas. Nas últimas décadas, presenciamos um enorme aumento da violência, tanto nas maiores e mais movimentadas cidades, quanto nas menores. A diferença desse alastramento de violência é que nas cidades mais desenvolvidas se tem um alto investimento em vigilância e ações de inibição e controle da violência, já nas menores, a preocupação desses investimentos pelos poderes públicos é menor. E isso é um dos motivos que facilita o fluxo da violência, ou dos autores dela, para as cidades de pequeno porte ou do interior do Brasil. Este aumento da violência causa uma modificação nos espaços vividos, por conta da sensação de medo e insegurança das pessoas. São pequenas cidades como Aroeiras-PB que impressionam por seu crescimento de violência, principalmente homicídios, e pela mudança da rotina dos moradores impactados pelo medo da violência. Foi com base nisso, que optamos em desenvolver uma pesquisa voltada para analisar a influência do aumento da violência na cidade de Aroeiras e seus rebatimentos socioespaciais. Para a efetivação do trabalho foi feita uma revisão bibliográfica complementada por um estudo de caso com a realização de entrevistas a alguns moradores da cidade.

Palavras-chave: Violência. Insegurança. Rebatimentos socioespaciais.

ABSTRACT

Violence has been designed as a major urban problems, because it interferes directly in people's daily lives. In recent decades we witnessed a huge increase of the violence, both in the largest and busiest cities as in the smaller ones. The difference of this spread of violence is that in the most developed cities there are a high investment in vigilance and actions of inhibition and control of violence, while in the smaller ones the concern of these investments by the government is lower, and this is one reason that facilitates the flow of violence, or the agents of it to the small cities, or from Brazil's interior. This increase in violence causes a change in lived spaces, due to the feeling of fear and insecurity of the people. Are small cities like Aroeiras-PB that impress by their growth of violence, especially murders, and by changing the routine of residents impacted by the fear of violence. It was on this basis that we chose to develop a focused research to analyze the influence of rising violence in the city of Aroeiras and their socio-spatial repercussions. For the realization of the work, we did a literature review complemented by a case study with interviews to some city residents.

Keywords: violence, insecurity, socio-spatial repercussions.

MAPAS

Mapa 1: Localização do município de Aroeiras no estado da Paraíba.....	23
Mapa 2: Municípios próximos ao de Aroeiras-PB.....	30
Mapa 3: Representação Espacial das Áreas de Apropriação Territorial/ Aroeiras-PB.....	36

FIGURAS

Figura 1: A produção algodoeira.....	24
Figura 2: Produtos sendo comercializados no galpão da feira livre / frente do Galpão.....	26
Figura 3: Produtos sendo comercializados no galpão da feira livre / dentro do Galpão.....	26
Figura 4: A Rua Antônio Gonçalves em um dia de feira-livre.....	27
Figura 5: Casais da década de 60 comemorando o carnaval em um dos bares da cidade..	33
Figura 6: Grupo de papangus, mascarados em um dia carnavalesco na cidade de Aroeiras..	34
Figura 7: Jovens foliões em meio à presença dos papangus.....	35
Figura 8: A Praça Souto Maior e o centro da cidade.....	36

GRÁFICOS

Gráfico 1: Aumento da taxa de homicídios na Paraíba, de 1980 a 2010.....	20
---------------------------------------------------------------------------------	----

TABELAS

Tabela 1: As taxas dos homicídios nos Municípios Paraibanos, 2009.....	29
-------------------------------------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A VIOLÊNCIA (URBANA) PELA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA	12
1.1 O urbano visto pela Escola de Chicago.....	13
1.2 Espaços urbanos e o medo contemporâneo.....	15
1.3 O sentido da violência e seu rebatimento para a realidade brasileira.....	18
CAPÍTULO 2: FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO MUNICÍPIO DE AROEIRAS-PB	22
CAPÍTULO 3: AROEIRAS VISTA EM ENTREVISTAS: A INSEGURANÇA EM DEBATE	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	42

INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa não se deu por acaso. Surgiu de uma inquietação pessoal relacionada à experiência vivida como cidadã de Aroeiras, na qual observou-se um alto índice de violência, bem como por um interesse científico, uma vez que esse aumento traz consequências socioespaciais relacionadas às mudanças de produção e apropriação do espaço.

A violência é um problema muito comum aos espaços urbanos e que, ainda hoje traz preocupação e medo para as pessoas, pelo fato delas não saberem com quem estão convivendo. Essa sensação de medo se torna maior quando se tem a certeza de que não estão seguras e muito menos protegidas. Logo, a violência cotidiana apresenta-se como aspecto representativo e problemático da atual organização social, principalmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas diversas esferas da sociedade.

Nesse contexto, a violência têm sido uma das principais preocupações sociais, o que impulsionou a realização de diversos estudos acerca dessa problemática, não só no Brasil, como em todo o mundo. Isso pode ser observado em diversas pesquisas de opinião pública, nas quais se tem como indicadores da violência no mundo: as taxas de homicídios; suicídios; a violência contra mulheres, idosos e crianças; os conflitos étnicos, religiosos, raciais; o narcotráfico, entre outros.

Não é de hoje que a violência tem se constituído como um dos principais problemas urbanos, especialmente por interferir diretamente no cotidiano das pessoas. Segundo Waiselfisz (2012), nós presenciamos nas últimas décadas, um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização de suas peculiaridades pelos novos significados que o conceito assume.

Contudo, o que correspondia a um problema das grandes e médias cidades, vem fazendo parte do cotidiano da população das cidades menores. Nesse sentido, observa-se como elemento diferenciador o fato de que nas cidades de porte maior ou intermediário, existe um crescente investimento em políticas e ações de inibição e controle da violência, ao contrário do que acontece nas cidades de menor porte, onde tais políticas são praticamente inexistentes.

A cidade em estudo é um exemplo do descaso das autoridades locais para com as políticas e ações que buscam amenizar a questão da violência, evidenciada no cotidiano da população e nas suas práticas socioterritoriais.

Diante do exposto, este trabalho analisa, com um olhar geográfico, a influência do aumento da violência urbana na cidade de Aroeiras-PB em relação às práticas socioterritoriais dos moradores da mesma.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro “A violência (urbana) pela perspectiva da geografia”, contextualizamos como a sociedade foi vista em meio à violência pela Escola de Chicago, trazendo alguns aspectos sobre pesquisas feitas pelos estudiosos dessa escola e sua importância para os estudos acerca da violência.

No segundo capítulo, “Formação socioespacial do município de Aroeiras-PB”, realizamos uma breve análise sobre a formação espacial da cidade, evidenciando os principais eventos responsáveis por sua dinâmica, com ênfase ao advento da violência e sua interferência nas práticas socioespaciais.

No terceiro capítulo, “Aroeiras vista em entrevistas: a insegurança em debate”, analisamos as principais influências da violência urbana nas práticas socioespaciais dos moradores da cidade de Aroeiras-PB, abordando as principais discussões obtidas pela análise das entrevistas realizadas com alguns moradores da cidade e representantes da sociedade.

CAPÍTULO 1

A VIOLÊNCIA (URBANA) PELA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA

“A geografia é uma das ciências que se tem dedicado à análise da cidade e da vida urbana. Como ciência social, ela o faz pela perspectiva social, porém com um determinado enfoque. A geografia é uma leitura, uma determinada leitura da realidade. É a leitura do ponto de vista da espacialidade. Seu objeto de estudo é o espaço geográfico”. (CAVALCANTE, 2008, p.64)

A epígrafe acima ressalta bem o papel da Geografia na análise da cidade, isto é, da vida urbana, a partir das abordagens sobre as relações sociais, no que se refere ao comportamento da sociedade em meio às mudanças que vêm ocorrendo desde o início do processo de urbanização e industrialização.

A partir dessa perspectiva, associaremos essa geografia que estuda a cidade e a vida urbana com os comportamentos sociais, provenientes das relações que se estabelecem no meio urbano e principalmente, os que demonstram indícios de violência, conforme se evidenciam na Escola de Chicago, em que os pesquisadores se destacam por apresentarem metodologias inovadoras para o estudo das práticas sociais sobre os espaços, especialmente os urbanos.

1.1 O Urbano visto pela Escola de Chicago

A Escola de Chicago pretendia estabelecer uma ciência que conseguisse melhorar a sociedade, impondo duas posturas, uma voltada para os problemas sociais que intervinham na comunidade e a outra, para a metodologia do trabalho de campo. Essa preocupação surgiu depois da segunda metade do século XIX, com a chegada impactante da industrialização e da urbanização, como afirma Tangerino (2007, p.10) “a soma desses fenômenos interdependentes começa a gerar uma série de problemas sociais em larga escala, como pobreza, criminalidade, desemprego, prostituição, etc., bem característicos dos grandes ajuntamentos dos moradores das pequenas cidades”.

Nesse contexto, a violência se destaca como um dos principais problemas sociais decorrentes do processo de urbanização. Fenômeno este que despertou a curiosidade dos estudiosos da Escola de Chicago que analisaram a difusão de tais problemas como consequências das circunstâncias sociais que levam os homens a atos de delinquência. Assim, os pesquisadores da Escola de Chicago pautavam-se em observações empíricas, posteriormente teorizadas, fundamentando a análise da prevenção em detrimento à punição. Tangerino (2007).

Na análise sobre criminologia nos espaços urbanos, Tangerino (2007) corrobora afirmando que os estudiosos da Escola de Chicago, apresentam três subsídios principais: a) as áreas naturais criminais; b) a desorganização social dessas áreas e; c) a tradição delinquente. Segundo o autor, na área criminal se tem uma desordem social mais aparente, na qual, conforme observações de Gottdiener (1993, p.38), “a interação

social se realiza através de trocas simbólicas, de entendimentos mútuos e do exercício da liberdade da escolha – que compeliu os indivíduos tanto a cooperar quanto a competir entre si [...]”.

A respeito do comportamento social evidenciado pelos estudiosos da primeira Escola de Chicago, Gottdiener (1993) relaciona este comportamento aos efeitos da organização econômica que explica os padrões de comportamento social. O autor afirma, ainda, que essa afinidade entre a teorização social, sobre a natureza do espaço urbano, e teorias econômicas neoclássicas da localização, converteu-se no impulso unificador por trás das diversas esferas urbanas.

Evidencia-se, portanto, uma relação entre o comportamento humano e os princípios darwinianos sociais, decorrentes do movimento dialético do entendimento do processo de urbanização, como expressão do desenvolvimento social e, como principal vetor do caos nos espaços urbanos.

Ao se analisar a relação entre crescimento desordenado urbano e competição econômica, já observada pelos estudiosos da Escola de Chicago, percebe-se que a sociedade apresenta, até os dias atuais, uma visão conflituosa, disputada e violenta devido ao crescimento desordenado do meio urbano, onde as pessoas não estavam acostumadas. E quando se depararam com o pouco sendo disputado por muitos, cada um quis tirar proveito, desenvolvendo, assim, padrões desiguais de distribuição de espaços, construídos ou não. Logo, surge a maioria dos problemas sociais que se encontramos nas cidades.

A Escola de Chicago é considerada importante por trabalhar a Teoria de Espaço, abordando os fatores relevantes para a produção do mesmo, bem como a Ecologia Urbana, tanto a mais antiga quanto a mais contemporânea. Com efeito, a Ecologia Urbana Contemporânea propôs uma teoria do crescimento metropolitano que explica a origem da forma urbana, ou seja, o urbano, nessa perspectiva, é considerado o reflexo do crescimento metropolitano.

A Escola de Chicago contribui, também com as pesquisas sobre as relações e os comportamentos da sociedade, para a compreensão dos estudos feitos na atualidade, nos quais se busca a razão pela qual a violência vem sendo, cada vez mais, presente não só no Brasil, mas em outros países.

1.2 Espaços urbanos e o medo contemporâneo

Os espaços construídos na contemporaneidade têm uma relação com os tipos de pessoas que irão viver naqueles espaços, ou seja, antes de se arquitetar um espaço de vivência pensa-se nele como algo que vai ser compatível com o estilo de vida de quem vai morar. Um espaço edificado antes de ser arquitetado, é um espaço de desejo no qual se pode ser guardado tanto o seu corpo quanto a sua mente, assim como afirma Leitão (1998):

A ação humana de edificar não é de modo algum redutível à necessidade de abrigo físico frente às intempéries que o ambiente natural impõe. Tampouco sua forma é uma derivação simples de um modismo qualquer, ou mesmo da racionalidade explícita no traço que a define como arquitetura. Muito pelo contrário, expressa também, e talvez principalmente, o desejo que requer essa edificação não como simples abrigo para o corpo, mas antes, como morada para a alma. Um espaço onde o desejo pode morar. Leitão (1998, pág. 23).

Pode-se observar que a produção do espaço está muito ligada com a expressão de pensamento. As pessoas desejam e depois produzem de acordo com o desejado, e isso se confirma quando olhamos para o meio urbano da cidade brasileira, no qual percebemos um caráter que mostra a forma do ambiente construído, ou seja, deduz-se, por exemplo, se o cotidiano daquele determinado meio urbano é calmo ou agitado, se é violento ou não. A esse respeito Leitão (1998, pág. 27) afirma que: “os espaços do medo, quando edificados na cena urbanística brasileira, materializam o lado racional de uma dada moeda, na outra face, expressam movimentos desejantes e subjetivos, que estão presentes na cultura brasileira”.

Segundo Leitão (1998) é comum vermos as casas da contemporaneidade protegidas por cercas elétricas, muros altos, grades, etc. Esses recursos denunciam o medo urbano, tornando-se símbolos de risco, ao comunicarem ao observador que por trás daquela cerca ou daquele muro, estão vivendo pessoas que tem medo de se expor ao perigo da rua, famílias que se abrigam dentro de suas casas para que a violência não chegue até elas. De certo modo, o sistema capitalista lucra com a circulação de segurança particular, bem como ocorrem lucros no setor imobiliário e, principalmente, nos condomínios fechados, que dão uma impressão de segurança, e acabam conquistando a sociedade financeiramente estável.

Esta dicotomia está presente na sociedade desde os tempos mais remotos, sendo mais bem evidenciada a partir do período colonial, no qual os donos das casas-grandes ou senhores de engenho mandavam construir suas casas com uma base muito alta, onde só era possível chegar através de uma escada de muitos degraus, considerando que as moradias altas seriam mais seguras. As mulheres da casa não tinham acesso à sala de visitas, pois se houvesse algum caso de desentendimento entre pessoas ali, elas não presenciariam e nem correriam perigo.

A diferença que se tem do medo que assolava no período colonial brasileiro e o que está presente em nossas cidades na atualidade é que, antigamente sentia-se um medo coletivo, medo dos invasores, dos estranhos e saqueadores. Já na atualidade temos medo de andar no bairro, na rua, ou até mesmo dentro das próprias casas, ou seja, o perigo não é mais uma realidade distante, mas está presente constantemente.

O medo não é considerado novo, mas sim a maneira como ele surge e se espalha. Na sociedade moderna em que vivemos, os meios técnico-científicos colaboram para que o medo cresça com mais rapidez, como afirma Vasconcelos (1998):

Hoje o medo é “moderno”, ele está de acordo com o período técnico-científico-informacional globalizado e em nossos dias pode rapidamente passar de local para o global, ou vice-versa (como é mais comum) graças às possibilidades técnicas oferecidas pelo período atual [...]. (VASCONCELOS, 1998, p. 255):

De acordo com Vasconcelos (1998), o “medo moderno” está relacionado com o mundo globalizado, para constatarmos isso bastam olharmos ao nosso redor e vemos a quantidade de vítimas de abuso sexual pela internet, encontros marcados com más intenções, golpes que levam dinheiro das pessoas, etc.

Relacionando à violência com a velocidade, na qual ela pode se espalhar, observa-se que o medo não assola somente os moradores de grandes cidades. Devido à banalização dos inúmeros casos de violência e a procura pelos autores dos crimes nas grandes cidades, a violência está chegando, cada vez mais rápido, nas pequenas cidades, ou até mesmo nas zonas rurais, uma vez que nas pequenas cidades o policiamento é menos frequente.

A respeito disso, Vasconcelos (1998, p. 265) ressalta que “há três décadas que o medo vem se tornando um dos sentimentos mais proeminentes entre os habitantes das grandes metrópoles brasileiras”. Contudo, o fato é que não são somente nas grandes cidades que a violência está presente, “[...] mas também nas pequenas cidades e até

mesmo nos espaços rurais, como se constata, por exemplo, na Paraíba... e em Pernambuco...” Vasconcelos (1998).

Se considerarmos que muitos conflitos violentos ocorrem no meio urbano, devido à territorialização de alguns grupos sociais que acreditam que algum local da cidade os pertence, o conceito de território se apresenta como uma categoria relevante na compreensão da espacialização dos eventos de violência. A esse respeito, Souza (1995) considera que:

O território surge, na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos) que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade. Um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem). (SOUZA 1995, p.84).

Ainda sobre território, Souza (1995) afirma que esse aparece como projeções sociais no espaço. São instáveis ou mesmo, tem uma resistência regular. São modificados pelas pessoas de acordo com as suas necessidades e podem formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido.

O conceito de espaço também está interligado ao de território, no âmbito geográfico. Por isso é importante ressaltar que alguns autores contribuíram para esclarecer o conceito de espaço relacionando-o à diferentes correntes do pensamento geográfico. De acordo com Moraes (1990), o espaço em Ratzel, por exemplo, é visto como base indispensável para a vida do homem, encerrando as condições de trabalho, quer natural, quer aqueles socialmente produzidos.

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, reconhecendo as suas categorias analíticas internas entre as quais se destacam: a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas de conteúdo. (SANTOS, 2009).

Contextualizando um pouco mais a relação da produção social no espaço, Santos (2009, p. 317) afirma que “o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual”.

É nessa perspectiva de espaço que se relacionam a dialética das mudanças socioespaciais que sofrem os moradores de todas as cidades que a violência está presente, tanto as grandes cidades como as de pequeno porte desenvolvimentista.

Nesse cenário, nota-se a relevância de tais conceitos, para a concretização desse trabalho acadêmico, pois, estes estão interligados e juntos dão existência e significado aos movimentos da natureza, da sociedade, e das relações entre ambas.

1.3 O sentido de violência e seu rebatimento para a realidade brasileira

Sabe-se que não é de hoje que a violência vem se constituído como um dos principais problemas urbanos, especialmente por interferir diretamente no cotidiano urbano, assim como afirmado por Waiselfisz (2012).

Ao contrário do que normalmente é concebido pelo senso comum, que associa violência à eventos de morte, é importante salientar que o conceito de violência se constitui de forma ampla e complexa, configurando-se como expressão de agressão ao sujeito e coletividade, ao objeto (patrimônio) ou a ambos, sendo considerada como “um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror” (Chauí, 1999, p. 3).

A violência não se estabelece somente quando há caso de morte, embora esta seja considerada o grau mais alto de violência. Entre inúmeros conceitos do que vêm a ser considerada a violência, vários autores trazem sua percepção de maneira diferente. A autora Chauí (1999, p. 5), define violência como:

1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de alguém (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como direito. Consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror [...]. (CHAUÍ, 1999, p. 5),

Nesse sentido, a pesquisa “O Mapa da Violência 2012: Os novos padrões da violência Homicida no Brasil” desenvolvida por Waiselfisz traz um aparato de como

vem se apresentando a violência na atualidade, mostrando os momentos em que a violência pode ser constatada. A respeito disso, o autor afirma:

Concorda-se, com o conceito de que há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais [...] (WASELFI SZ 2012, p.12)

Ainda de acordo com Waiselfisz (2012, p.11) “presenciamos, nas últimas décadas, um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização de suas peculiaridades pelos novos significados que o conceito assume [...]”. O autor completa sua afirmação relatando que se podem nomear como violência, na atualidade, os acontecimentos que anteriormente eram consideradas como práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais, como a violência intrafamiliar contra a mulher ou crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias, a violência nas escolas, entre outros casos.

Segundo o Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde, podemos perceber que ao longo dos últimos 30 anos, (1980-2010) ¹, o número de homicídios no Brasil passou de 13.910 homicídios para 49.932, fato que equivale a um aumento de aproximadamente 358%, segundo Waiselfisz (2012). De acordo com esses dados, a violência tem se tornado um elemento-chave no debate sobre gestão e planejamento dos espaços urbanos.

Geralmente, tem-se a ideia de que obrigatoriamente o crescimento do número de violência das cidades é proporcional ao crescimento da cidade, porém, isto não é uma realidade, pois, segundo Nóbrega Jr (2012), cidades como Sidney e Melbom, na Austrália, que têm um crescimento urbano e econômico bem acentuado, mostram números de homicídios equivalentes aos de algumas cidades pequenas do mesmo país.

Esta realidade também se evidencia em municípios brasileiros devido à fatores diversos entre os quais, o aumento da tecnificação de vigilância nos grandes centros, além de outros fatores, como a disponibilidade de armas de fogo, a ineficácia das instituições que estão responsáveis pela segurança pública, o consumo exagerado de bebidas alcoólicas, etc. (NÓBREGA, 2012).

¹ O ano de 2010 foi selecionado como referência por considerarmos a periodicidade adotada pelos gestores e agências de informações estatísticas como o IBGE que tem o período de uma década como referência.

Apesar de dados recentes apontarem para as regiões com crescente desenvolvimento urbano, o aumento da violência não foi detectado somente nas regiões mais populosas como a região Sudeste, mas as taxas também aumentaram na região Nordeste.

Nessa região, todos os estados vêm apresentando crescimento de violência, destacando os estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco, como afirma Nóbrega Jr (2012):

Em Alagoas entre 1996 e 2008 houve 13.673 assassinatos, com uma média de 1.051 mortes anuais. Entre 2001 e 2008 o impacto percentual foi de quase 130%. [...] A Bahia apresentou uma verdadeira “explosão” nas mortes por agressão. Em 1999 foram mais de 910 assassinatos, em 2008 este número chegou a mais de 4.700, ultrapassando o pior ano de Pernambuco. (NÓBREGA JR 2012, p.26).

Sobre a Paraíba, o autor Waiselfisz (2012) constata que este estado se destaca com um aumento de homicídios preocupante nos últimos anos, assim como apresenta o (Gráfico 1), abaixo:

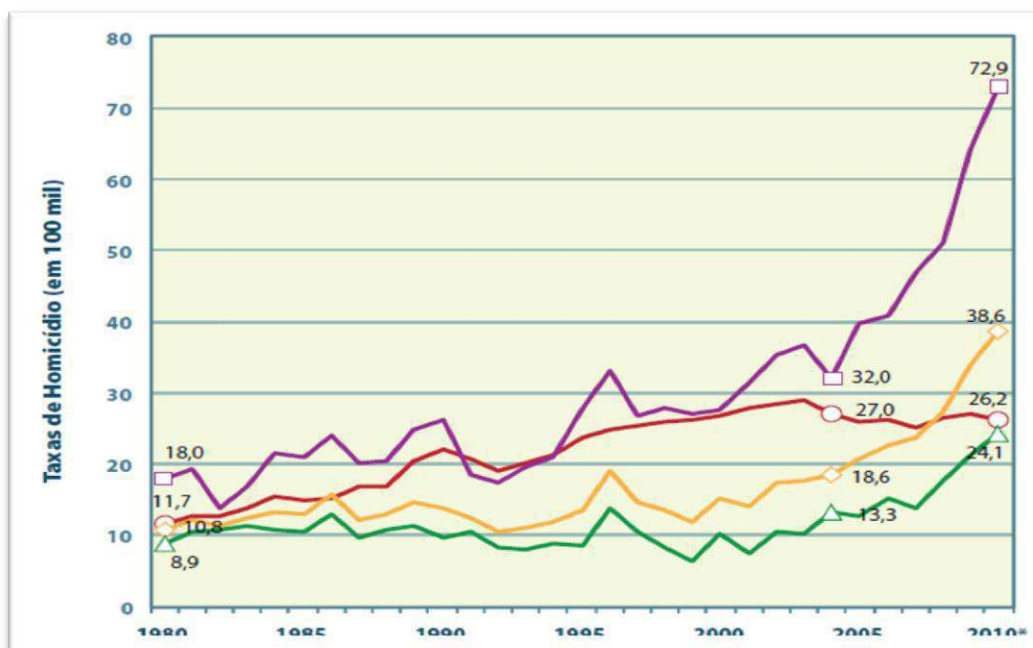


Gráfico 1: O aumento da taxa de homicídios na Paraíba, de 1980 a 2010.

Fonte: Mapa da Violência (2012)

Assim, a Paraíba é considerada um dos estados que vem apresentando as taxas mais altas de homicídios nos últimos anos, as quais triplicaram no estado, assim como

nas cidades de Campina Grande e João Pessoa (capital da Paraíba) que possuem o maior potencial econômico e populacional. Segundo a afirmativa do autor Nóbrega Jr (2012):

Entre 2001 e 2009 a taxa de homicídios na Paraíba saltou de um patamar de um pouco mais de 13 homicídios por cem mil habitantes, para mais de 33 homicídios por cem mil: uma verdadeira explosão! João Pessoa e Campina Grande, as duas mais importantes cidades da Paraíba tanto nos termos de indicadores socioeconômicos como no aspecto eleitoral, vêm no mesmo ritmo do estado como um todo. João Pessoa, em 2011, teve 227 pessoas assassinadas. Em 2009, último ano disponível da série histórica, esse dado foi de 427 mortes, praticamente dobrando as mortes. Já em Campina Grande, em 2001 teve 106 pessoas assassinada, e em 2009 este dado foi de 152 assassinatos, com 45% de incremento percentual. (NÓBREGA JR 2012, p.75).

Em contrapartida à afirmação acima, Waiselfisz (2012) relata que os números de violência nos municípios com menos de 100 mil habitantes, como Cabedelo e Bayeux, aumentaram e são considerados a grande maioria do estado. Esses municípios com menor percentual de habitantes foram responsáveis por 25% do total de homicídios em 2000, e em 2010 passaram para 35% do total.

A criminalidade atual tende a invadir as cidades de pequeno porte para poder se desfocar um pouco das grandes cidades, a exemplo disso, Cabedelo, Bayeux e outros municípios ainda menores da Paraíba tiveram suas taxas de violência aumentadas. Como consequência disso, temos as rotinas destas cidades modificadas, ou seja, as práticas socioespaciais estão sendo transformadas, inclusive do município de Aroeiras-PB.

CAPÍTULO 2

FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO MUNICÍPIO DE AROEIRAS- PB

“AROEIRAS, MADEIRA, GUERREIRA, AROEIRAS!

...No chão das areias tão quentes do teu cariri

*Aroeiras promete um grande porvir
esperanças enramam no meu coração.*

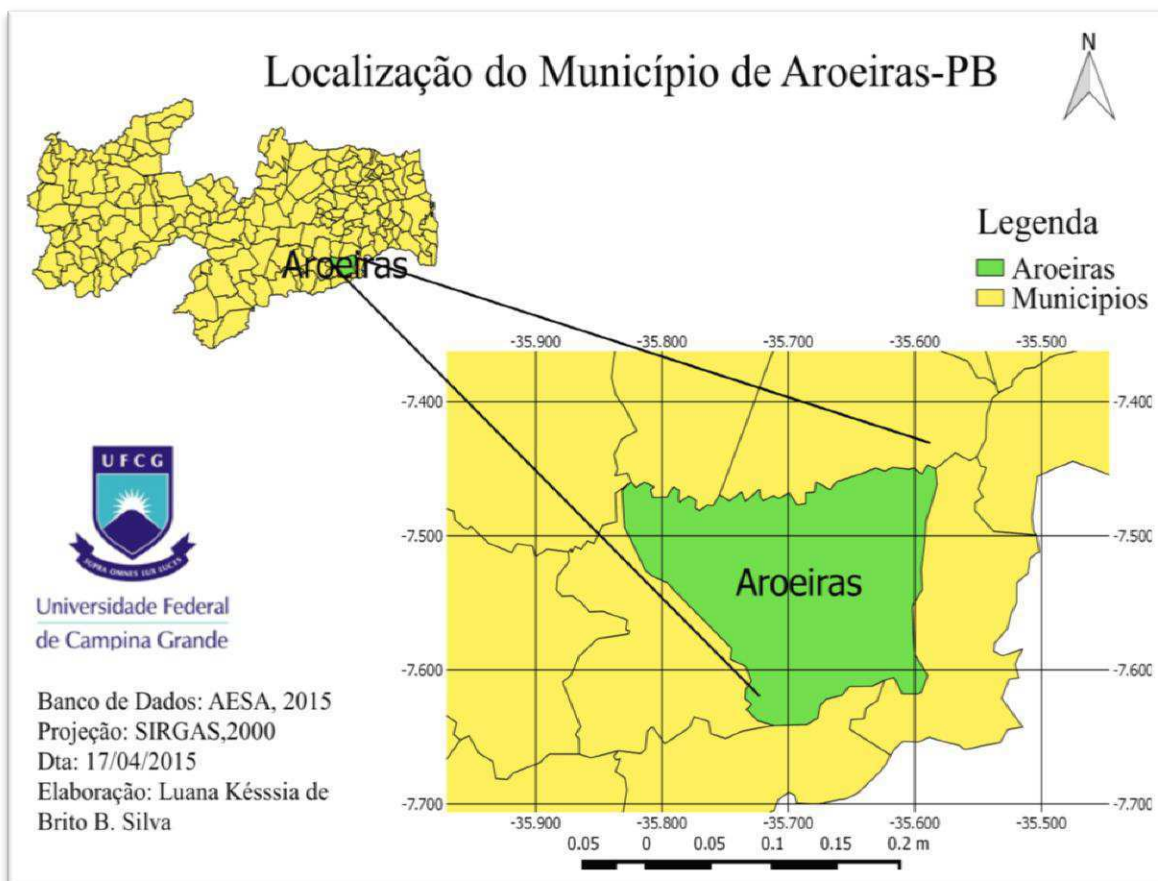
*Sou o fruto da planta plantada que a terra me deu
e hoje proclamo em nome de DEUS*

És a minha bandeira, és a minha nação!...”

Hino à cidade

(Autor: Dudé das Aroeiras)

A cidade de Aroeiras-PB está localizada no Agreste do Estado da Paraíba, distante de Campina Grande, há aproximadamente 54 km, e da capital do Estado, João Pessoa, há aproximadamente 178 km. Segundo dados do IBGE (2010), a população é de 19.082, porém com estimativa de crescimento para 19.231 em 2014. Possui uma extensão territorial de 374,697 km², e uma Densidade Demográfica de 50,93 (hab/km²). O mapa a seguir mostra a localização do município no estado da Paraíba (**Mapa 1**).



Mapa 1: Localização do município de Aroeiras no estado da Paraíba.

Fonte: Silva, L.K.B.B, 2015.

Neste mapa podemos localizar o município de Aroeiras no estado da Paraíba. A respeito da sua atual situação econômica, pode-se afirmar que esse município possui sua base econômica voltada para o comércio de diversificados produtos na feira livre que acontece aos sábados; ao comércio privado, localizado na rua central da cidade, a Rua Antônio Gonçalves; aos empregos de cargos públicos e a renda dos aposentados.

Antes de abordarmos a influência da violência na apropriação territorial dos moradores da cidade, necessita-se saber um pouco mais sobre como se deu a origem de Aroeiras-PB.

A partir dos estudos realizados por Gomes (2012), pode-se conhecer um pouco mais como teve início a história de Aroeiras. A origem da cidade, segundo relatos e livros de memórias, deu-se a partir da chegada de Laurentino de Moura Varejão, que partiu da cidade de Recife-PE, por volta do ano de 1815, acompanhado por alguns homens, com o intuito de conhecer novos horizontes e aventurar conquistas territoriais ainda não descobertas.

Partindo de Recife, Laurentino e seus capachos chegaram às mediações do curso do rio Paraíba nas proximidades da cidade, encontrando mais a frente um riacho, e logo mais um olho d'água, de água salubre, a ele deu o nome de Aricuru, e foi no entorno deste riacho que se deram as primeiras moradias da cidade. (GOMES, 2012).

Segundo Gomes (2012), foi a partir da prática da “feira de catolé dos Souzas” nas proximidades da fazenda do Sr. Antônio Gonçalves, próxima a atual “Rua do alto”, organizada pelo Sr. João de Souza, que o lugarejo foi tomando espaço na cidade, e foi essa feira que deu o primeiro nome ao lugarejo. Anos depois a localidade passou a se chamar “feira do olho d'água das Aroeiras”, e como lá tinha muitos pés de aroeiras, a localidade passou a se chamar, mais tarde, Aroeiras.

Antes dos anos 1930, a cidade se destacou devido à extensa cultura do algodão crioulo, que era produzido na cidade, em quantidades consideráveis, e vendido para outras localidades, assim como mostra na **(Figura 1)**.



Figura 1: A produção algodoeira

Nesta foto estão alguns aroeirenses, produtores de algodão crioulo das décadas de 30 e 40.

Fonte: www.facebook.com/Aroeirasmadeiraguerreira

No ano de 1936, foi instalado o primeiro motor de energia elétrica na cidade, recebido com muita alegria pelos moradores, segundo Gomes (2012), foi realmente uma festa, porém, este gerador só funcionava das 18h00min às 23h00min, a partir desta hora era desligado, causando, assim, um silêncio na cidade, já que os moradores se recolhiam em suas casas.

No ano de 1938 Aroeiras deixou de ser considerada povoado e passou a ser Vila. Segundo Gomes (2012), nesta década também aconteceu algo importante para o desenvolvimento da cidade, que foi a chegada do rádio que permitiu o contato dos moradores com a cidade de Umbuzeiro, através da frequência de ondas sonoras.

Seu povoamento mais intenso se deu a partir da prática das vaquejadas, devido à proximidade com a cidade de Umbuzeiro, que era muito adepta a esta cultura, logo, Aroeiras também acompanhou essa tradição cultural que já era muito disseminada em todo o estado. As vaquejadas aconteciam na rua principal do centro da cidade, que ainda não era asfaltada, hoje conhecida como a rua do comércio principal (Rua Antônio Gonçalves). Esse evento era organizado pelo engenheiro agrônomo Roberto Pessoa, irmão do ex-prefeito da cidade de Umbuzeiro Carlos Pessoa. As festividades reuniam os moradores da cidade e muitos visitantes oriundos das cidades circunvizinhas, que iam prestigiar o evento.

Segundo Gomes (2012), primeiro Grupo Escolar da cidade foi inaugurado em 1949. E foi no ano de 1950 que alguns políticos e letrados aroeirenses e umbuzeirenses reivindicaram a emancipação da cidade, que aconteceu no dia 02 de dezembro de 1953, por meio da Lei estadual número 980.

É válido salientar, que o processo de ocupação dinamizou o desenvolvimento econômico da cidade, o qual se fundamenta, principalmente, nas práticas comerciais. Em relação às produções que geram renda econômica, as pessoas com menor poder aquisitivo, atualmente têm a renda baseada na comercialização de peixes (retirados dos criadouros localizados no distrito de Pedro Velho e da barragem de Acauã), bovinos, caprinos, equinos, ovinos, suínos, galináceos. Assim como o mel de abelha e o leite de vaca, que também contribuem para a renda da população (IBGE, 2015).

Além disso, os produtos agrícolas como feijão (de diversos tipos); milho; mandioca; inhame; hortaliças variadas; frutas como banana, limão, manga, jaboticaba, entre outros produtos que são colhidos e levados para serem comercializadas na feira-livre da cidade, que acontece aos sábados, gerando renda à população aroeirense. Como podemos ver nas **Figuras 2 e 3**.



Figura 2. Produtos sendo comercializados no galpão da feira livre/ frente do galpão.
Fonte: Silva, L.K.B.B. (2015)

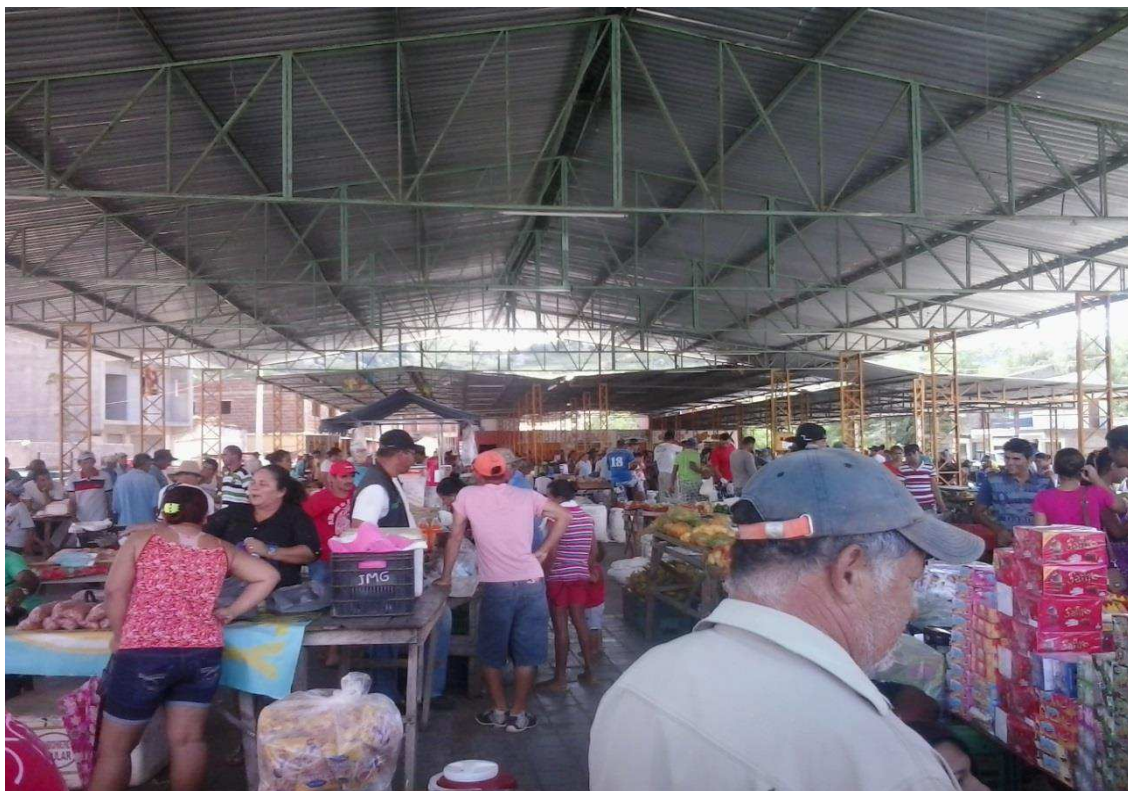


Figura 3: Produtos sendo comercializados no galpão da feira livre/ dentro do galpão.
Fonte: Silva, L.K.B.B. (2015).

Com efeito, a feira livre, acontece aos sábados, reunindo, em sua maioria, moradores da cidade de Aroeiras-PB, das comunidades vizinhas e também feirantes de outras localidades que vêm vender suas mercadorias. Pode-se, ainda, afirmar que ela é culturalmente antiga, visto que surgiu junto com a cidade.

Contudo, apesar do hábito de ir à feira ser mantido por muitas pessoas, um dos sentimentos que se evidencia nesse ambiente é o medo, causado pela insegurança e exposição física a qualquer tipo de ação, o que intimida as pessoas a estarem naquele local. Todavia, muitas pessoas, mesmo sentindo medo, mantém o hábito de ir à feira, uma vez que nela encontram uma variedade de produtos frescos e com um preço menor.

A feira-livre da cidade não se concentra somente no Galpão Manoel Bezerra, mas se estende por toda a Rua Antônio Gonçalves que é considerada a rua principal em relação ao comércio, como mostra a **Figura 4**.



Figura 4: A Rua Antônio Gonçalves em um dia de feira-livre.

Fonte: Silva, L.K.B.B., (2015).

Podemos observar nessa foto, o fluxo de pessoas, os bancos dos comerciantes autônomos e os comércios privados. Além disso, nota-se que as pessoas estacionam aleatoriamente seus transportes, como motocicletas e carros, para fazerem suas compras, logo, esses transportes ficam vulneráveis aos furtos. Não há nenhuma

segurança, nem policiamento, ou seja, as pessoas ficam expostas a qualquer ato que as prejudiquem, provindos de pessoas de má índole, que muitas vezes só estão ali para cometer delitos.

Nesse contexto, há evidências de que já ocorreram muitos casos de furtos e assassinatos na feira, porém, atualmente estes acontecimentos se amenizaram, talvez, pelo fato dos criminosos temerem a presença de policiais que durante a semana estão realizando blitz à mando da CPTRAN - CG (Companhia de Polícia de Trânsito) de Campina Grande. Contudo, esse tipo de policiamento tem como objetivo apreender motocicletas que estão circulando fora dos padrões exigidos pela CPTRAN-CG que, muitas vezes, surpreende as pessoas que utilizam transportes de maneira ilegal.

No que diz respeito aos aspectos urbano, político e econômico, Aroeiras, assim como a maioria das cidades, e principalmente as de pequeno porte, foi se expandindo pouco a pouco e de maneira lenta. Em contrapartida, vem desenvolvendo aspectos que não agradam aos seus moradores, como por exemplo, a violência, que antigamente era vista como uma realidade das cidades de grande e médio porte, e hoje é vivenciada pela população aroeirense.

Nesse cenário, apesar da pouca expressividade no âmbito estadual, no ano de 2009, a cidade de Aroeiras teve uma posição de destaque, no que se refere à taxa de homicídios, superando cidades como João Pessoa e Campina Grande, no contexto estadual, e sendo a que possuiu o maior indicador no contexto da mesorregião, na qual está inserida.

Nos últimos anos, Aroeiras-PB apresentou um aumento indesejável dos casos de violência. Esse aumento desencadeou mudanças e transformações no cotidiano dos moradores da mesma, influenciando na apropriação territorial, tanto nas áreas rurais como nas urbanas. Sendo considerada uma cidade do Agreste paraibano, ela superou as outras cidades da mesma mesorregião, nas taxas de homicídios calculadas por 100 mil habitantes, como mostra a **Tabela 1**.

De acordo com essa tabela, Aroeiras aparece, entre as cidades do Agreste paraibano, como a mais violenta no ano de 2009, isso em termos de taxas por 100 mil habitantes (NÓBREGA JR 2012). Tal fato nos remete a reflexão se esta constatação foi pontual ou se apresenta como tendência. A hipótese mais provável, a qual nos propomos analisar, é de que a violência em Aroeiras se apresenta como uma tendência a realidade urbana da cidade. Isto é evidente tanto nas mudanças espaciais relacionadas às transformações dos objetos e equipamentos urbanos, com a inclusão de grades, muros e

outras ferramentas de vigilância; como nas mudanças sociais decorrentes de práticas sociais com a inibição dos usos dos espaços públicos e no próprio sentimento de pertencimento com a cidade.

	MUNICÍPIOS		Taxas +/-
1	CABEDELO	Mata Paraibana	84,83
2	BAYEUX	Mata Paraibana	83,16
3	AROEIRAS	Agreste Paraibano	70,98
4	JOÃO PESSOA	Mata Paraibana	60,8
5	CAAPORÃ	Mata Paraibana	59,8
6	SAPÉ	Mata Paraibana	54,52
7	SANTA RITA	Mata Paraibana	54,42
8	SANTA LUZIA	Borborema	54,26
9	PATOS	Sertão Paraibano	51,26
10	PEDRA DE FOGO	Mata Paraibana	51,62
11	SOLEDADE	Agreste Paraibano	51,38
12	SÃO BENTO	Sertão Paraibano	49,41
13	CATOLÉ DO ROCHA	Sertão Paraibano	49,17
14	ALHANDRA	Mata Paraibana	42,55
15	ARARUNA	Agreste Paraibano	39,99
16	CAMPINA GRANDE	Agreste Paraibano	39,6
17	CONDE	Mata Paraibana	38,37
18	ESPERANÇA	Agreste Paraibano	35,64
19	PRINCESA ISABEL	Sertão Paraibano	34,97
20	BELÉM	Agreste Paraibano	33,82
21	QUEIMADAS	Agreste Paraibano	29,76
22	LAGOA SECA	Agreste Paraibano	27,16
23	MAMANGUAPE	Mata Paraibana	23,99
24	SOUSA	Sertão Paraibano	22,75
25	RIO TINTO	Mata Paraibana	21,01
26	GUARABIRA	Agreste Paraibano	14,25

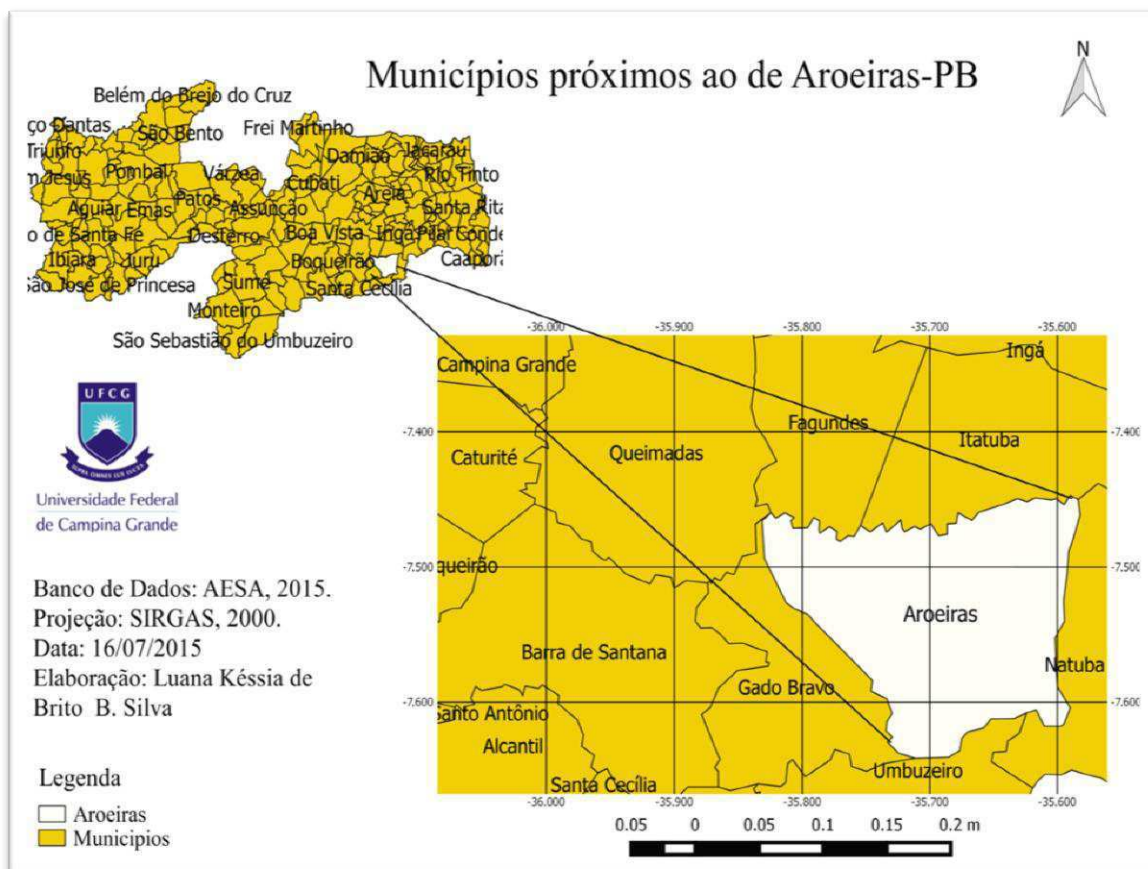
Tabela 1: As taxas dos homicídios nos Municípios Paraibanos, 2009, (por 100 mil habitantes)

Fonte: Adaptado de Nóbrega Jr (2012, p.81).

Pode-se observar que a proporção utilizada na **tabela 1** por Nóbrega Jr (2012), em seu livro “Homicídios no Nordeste”, foi de 100 mil habitantes, e mesmo tendo pouco mais de 19 mil habitantes, no ano de 2009, o município de Aroeiras superou as demais cidades do Agreste paraibano, chegando a superar as duas maiores cidades do estado da Paraíba (Campina Grande e João Pessoa).

A hipótese inicial para, possivelmente, justificar este aumento da violência na cidade, conforme observado na tabela, é a de que Aroeiras faz divisa territorial com o estado de Pernambuco que também possui altas taxas de aumento da violência, e isso facilita a entrada e saída dos infratores de outro estado na cidade. Além disso, Aroeiras-

PB está localizada geograficamente próxima à cidade de Campina Grande, Umbuzeiro, Gado Bravo, Natuba, Fagundes e outras, assim como mostra o mapa abaixo, (**Mapa 2**).



Mapa 2: Municípios próximos ao de Aroeiras-PB.
Elaborado por: Silva, L.K.B.B, 2015

A falta de um policiamento constante na cidade faz com que a mesma fique exposta ao fluxo de violência que provém das cidades vizinhas, facilitando a circulação de pessoas com má índole, que estão na cidade, não com intenções de morar, trabalhar e vivenciar o local. Mas com intenções de furtar os bens materiais da população, se esconder da justiça, ou mesmo intensificar o tráfico de drogas, que há poucos anos atrás não era algo comum. Deparando-se, cotidianamente, com esta realidade, a população acaba vendo-a como normal, pois, já estão se acostumando com as mazelas presentes na sociedade como consequência de um desenvolvimento acelerado e desordenado.

Com isso, percebe-se que aumento da violência causa mudanças na rotina dos moradores. Logo, através da análise da dinâmica urbana (socioespacial) de Aroeiras, pode-se constatar que a violência não só existe nas grandes cidades, mas também nas pequenas e pacatas cidades do estado da Paraíba.

CAPÍTULO 3

AROEIRAS VISTA EM ENTREVISTAS: A INSEGURANÇA EM DEBATE

“Aroeiras, como as demais cidades pequenas, antigamente era uma cidade pacata, tranquila, você ficava nas calçadas com seus filhos, a zona rural era muito habitada, e hoje em dia não temos tranquilidade, não podemos ficar nas calçadas até certas horas”. (SOUZA, F.C.S., 2015)

As informações que deram base à redação deste capítulo foram sistematizadas a partir da análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que corresponde à identificação das ideias centrais e expressões chaves, retiradas de algum discurso que retrate a ação do sujeito social em suas práticas cotidianas, onde se pode identificar o posicionamento de um determinado grupo social a cerca de um objeto. No caso deste trabalho monográfico, este discurso se apresenta nas entrevistas.

Segundo Lefèvre & Lefèvre (2003) o uso do Discurso do Sujeito Coletivo fornece subsídios ao reconhecimento do caráter científico do método qualitativo, uma vez que:

A tarefa organizadora do pesquisador não diz respeito nem à matematização mecânica ou automática do pensamento coletivo, nem ao uso de metalinguagem; seu papel, ao contrário, é bem outro: produzir o sujeito social ou coletivo do discurso e o discurso coletivo correspondente, fazendo o social falar como se fosse um indivíduo, e isso não por um passe de mágica, nem a partir de uma instância científica supostamente transcendente, mas, como manda o rigor científico, utilizando procedimentos explícitos, transparentes e padronizados passíveis, portanto, de crítica e contestação, construindo-se a fala do social com o material empírico proveniente de falas dos indivíduos, buscando nas ideias centrais e nas expressões chaves coincidentes ou semelhantes de discursos efetivamente existentes, um discurso compartilhado. (LEFÉVRE & LEFÉVRE, 2003, p.29).

Por ser uma das ferramentas utilizadas pelo método qualitativo e a mais adequada a este trabalho, optamos, então trabalhar com entrevistas. E foi a partir das entrevistas realizadas com alguns representantes de segmentos sociais da cidade, que fizemos a análise da percepção social sobre o aumento da violência urbana na cidade de Aroeiras-PB.

Para a realização das entrevistas foi elaborado um roteiro de tópicos a ser seguido pelos entrevistados, porém, nenhum deles seguiu este roteiro (**Apêndice 1**), tão somente foram expondo suas opiniões sobre a problemática da violência na cidade.

Com o objetivo de preservar as imagens dos entrevistados e garantir fidelidade às informações concedidas, foi entregue um termo de consentimento para cada um deles, (**Apêndice 2**). E vale esclarecer que as entrevistas, na íntegra, estão localizadas no final deste trabalho (**Apêndice 5**).

A primeira entrevistada relata que residir na cidade era sinônimo de segurança, pois, as pessoas confiavam que não estavam em situação de risco, e era comum o hábito de deixarem as portas abertas ou apenas encostadas. Hoje em dia isso não acontece mais. Os moradores vivem de portas fechadas, mesmo sendo ainda durante o dia eles

têm o cuidado de fecharem as portas, com exceção das casas que tem grades de proteção nas portas e janelas.

Eu, por exemplo, como moradora da cidade posso afirmar que não me sinto segura de portas abertas, então, mesmo sendo de dia, fecho todas as portas, e principalmente se estiver sozinha em casa, e quando chega a noite acendo as luzes que estão ao redor da minha casa, com o intuito de intimidar os malfeitores, pois, imagino que vendo que têm gente em casa eles não virão me atingir, mas tenho concepção que eles são atrevidos, e podem vir, mesmo as luzes estando acesas ou não. (NASCIMENTO, J.C., 2015).

Ainda, segundo a primeira entrevistada, os moradores da cidade têm medo de caminhar pelas ruas a partir de determinados horários, principalmente ao anoitecer. Durante o período de ano letivo vemos o movimento de transportes escolares e estudantes nas ruas centrais da cidade, principalmente nas ruas Antônio Gonçalves e João de Souza Barbosa, não sentimos tanto receio em caminhar nelas, mas quando as aulas estão suspensas e esse movimento central estanca, não arriscamos.

O aumento da violência na cidade tem influenciado também na redução da participação das pessoas nas atividades culturais, como por exemplo, nas festas de carnaval, que antigamente eram comemoradas entre familiares, nas ruas, nos clubes, nos bares e lanchonetes da cidade.

Logo, podemos observar na **Figura 5**, abaixo, que a maioria dos casais não tinha medo de se expor às ruas durante o período carnavalesco e se reuniam em grupos de familiares e amigos nos lugares públicos e privados da cidade para comemorar as festividades. Segundo uma das pessoas que está nesta fotografia, ela foi tirada dentro do antigo bar do senhor Zezé do Bar que era um dos lugares mais frequentados pelos moradores da cidade, principalmente nos períodos de festa.



Figura 5: Casais da década de 60, comemorando o carnaval em um dos bares da cidade.
Fonte: www.facebook.com/aroeirasmadeiraguerreira. Acesso em 26/07/15, às 16h35min.

Assim, a figura acima mostra uma realidade contrária a que temos na atualidade, pois, não vemos mais as famílias participarem das festividades carnavalescas da cidade, com exceção do último dia, que acontece sempre na data em que é comemorado o carnaval. Isso porque as festividades se iniciam uma semana antes do dia de Carnaval. Então, é no dia de carnaval, sempre no turno da tarde, que se apresenta a tração mais esperada o bumba-meu-boi da cidade, e os adultos levam as crianças para contemplarem. Mas, ao término das apresentações todos voltam para suas casas, porque sabem que à noite vem o encerramento da folia de modo exagerado, uma vez que já se estende por mais de uma semana.

Nesse sentido, a falta de policiamento na cidade, durante as festividades, permite aos usuários e vendedores de drogas se exporem mais do que o de costume, já que sabem que não serão punidos pelas autoridades. Observa-se, então, a necessidade de métodos preventivos, que estabeleçam uma segurança ativa na cidade, permitindo, assim, que diminua o número de famílias que, ao invés de vivenciar as festividades culturais, estão cada vez mais se excluindo delas.

Muitas dessas famílias se refugiam em locais distantes da cidade, por exemplo, em chácaras e sítios, para poder se sentir mais protegidos, como afirmou a senhora Joselma durante a entrevista: “Em períodos de festa, por exemplo, no Carnaval, eu junto a minha família e nós vamos para um dos sítios da família, porque aqui na cidade o pessoal ainda tem o costume de usar máscara e roupas de papangus, então é uma insegurança para nós”. (NASCIMENTO, J.C., 2015).

Os cidadãos aroirenses têm medo de estarem em meio à folia pelo receio de descobrir, por traz das roupas e máscaras de papangus, pessoas que estejam influenciadas pelo mal. Assim como podemos observar abaixo (**Figuras 6 e 7**).



Figura 6: Grupo de papangus em um dia carnavalesco na cidade de Aroeiras.

Fonte: www.facebook.com/aroeirasmadeiraguerreira. Acesso em 10/06/15, às 09h29min.



Figura 7: Jovens foliões em meio à presença dos papangus.

Fonte: www.facebook.com/aroeirasmadeiraguerreira. Acesso em 09/06/15, às 10h12min.

Os moradores temem também as ações inesperadas provindas dos foliões que estão alcoolizados ou até mesmo drogados, e por isso evitam sair de casa no período da folia carnavalesca, e nem permitem que suas crianças saiam.

Devido ao fato de a droga está presente em meio aos espaços públicos, como por exemplo, na pracinha do centro da cidade, tem provocado mudanças no uso desses espaços. Apreensivos pela insegurança nesses locais, principalmente no turno da noite, pouco a pouco as pessoas foram deixando de usá-los, assim como afirmou a segunda entrevistada: “a pracinha aqui no centro se tornou, praticamente, um ponto de drogas e de prostituição, e antes era um ponto de encontro dos jovens, para conversarem, namorarem, etc.” (SANTOS, M.S.S., 2015).

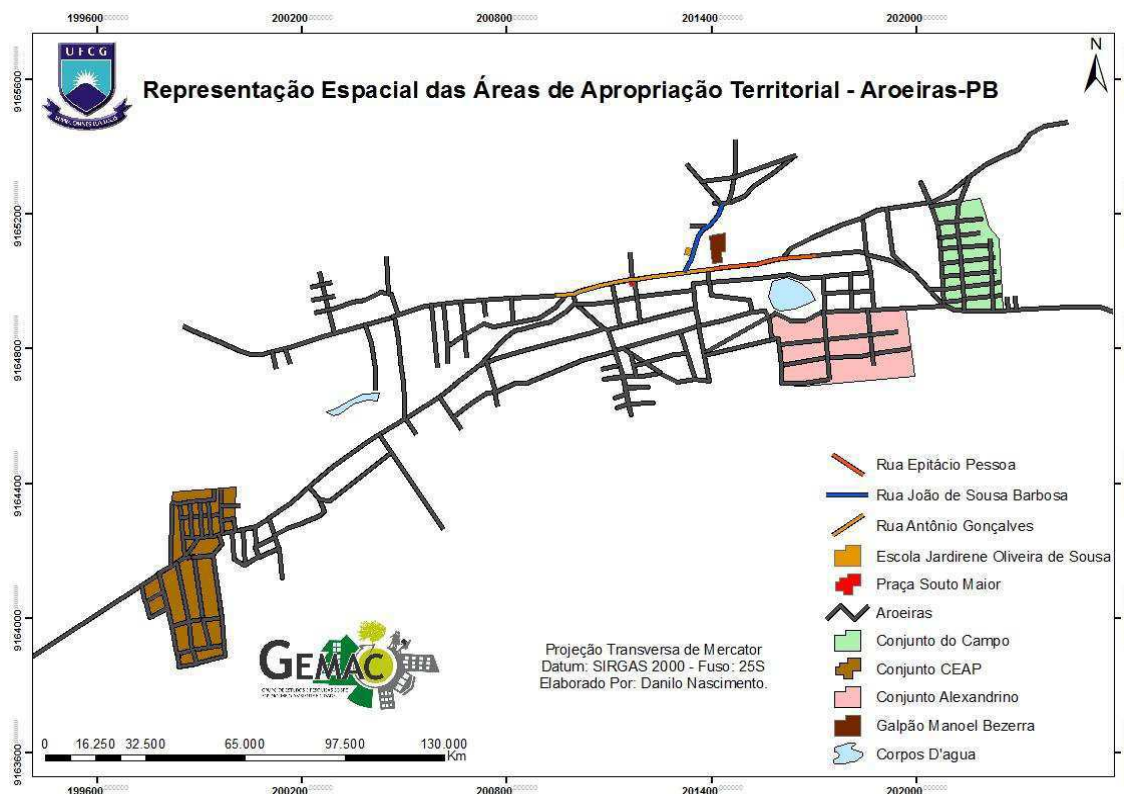
Podemos observar na figura abaixo que o centro da cidade e a Praça Souto Maior estão desertos, não se vê as pessoas na rua, e muito menos na pracinha. Os aroeirenses temem em estar nela, pois, veem que alguns jovens com características de usuários de droga, circulam por ali para consumirem e venderem as drogas.



Figura 9: A praça Souto Maior e o centro da cidade.

Fonte: Silva, L.K.B.B., (2015, às 19h57min).

Em outro trecho da primeira entrevista, a senhora Nascimento, fala sobre a escola municipal Jardirene Oliveira de Souza, na qual exerce o cargo de Diretora, e expressa o sentimento de medo relacionado às drogas: “quando vemos pessoas estranhas na frente, meninos novos, mas já com características de usuários de droga, nós temos medo de que entre droga na escola”. Essa escola fica localizada na Rua João de Souza Barbosa, e segundo os moradores da cidade, é uma das ruas que mais sofreu mudanças nas apropriações territoriais, assim como podemos localizar no mapa abaixo, (**Mapa 3**).



Mapa 3: Representação Espacial das Áreas de Apropriação Territorial de Aroeiras-PB.

Elaboração: Danilo Nascimento.

Nesse mapa, podemos observar as ruas e as áreas que mais sofreram com as mudanças nas apropriações territoriais da cidade de Aroeiras, como por exemplo, a rua da escola Jardirene (Rua João de Souza Barbosa), a rua do comércio principal (Rua Antônio Gonçalves), o Galpão Rodoviário, onde se concentra a maior parte da feira livre, a Praça central da cidade e os três conjuntos habitacionais. Através dos relatos dos moradores, constata-se que foi nestas áreas onde ocorreram mais mudanças socioespaciais, devido aos casos de violência ocorridos nelas.

Um dos principais problemas das cidades de porte menor, nas quais Aroeiras-PB se inclui, em relação à violência, se deve ao fato da possibilidade de reconhecimento entre os sujeitos envolvidos nos casos de violência. Muitas vezes as vítimas de furtos de não denunciam os maus feitores às autoridades policiais, por medo de perderem a vida por causa de bens materiais. A respeito disso, o terceiro entrevistado afirmou o seguinte:

Nos dias de hoje, quando você passa por um assalto ou qualquer tipo de constrangimento, você quer ficar no anonimato, porque não se tem segurança, hoje em dia, se conhecermos aquela pessoa que tentou furtar nossa casa, ou lhe assaltar um celular, um pouco dinheiro que você tinha no bolso, às vezes não se presta queixa, por quê? Porque ele vai ser preso amanhã e solto depois de amanhã, e isso terá consequências para você, então hoje é melhor dar o que tem, e perder o pouco, do que perder o muito, e o muito é a sua vida. (SOUZA, F.C.S., 2015).

Dessa forma, antigamente, segundo relatos dos moradores mais antigos, a cidade era movimentada pelas pessoas durante à noite, as famílias se sentavam nas calçadas para conversarem, se distraírem, e se divertirem também, como afirmou o quarto entrevistado:

Aroeiras sente essa falta de tranquilidade, antes as pessoas ficavam com seus familiares nas ruas, na calçada de suas casas, para reunir os amigos e até se confraternizar, mas hoje, nós vemos que a cidade percebe esse índice de violência, de preocupação internalizada pelas pessoas, com o cuidado de manter as casas fechadas, estar sempre atentos, então neste aspecto, nós percebemos que a cidade não goza mais da tranquilidade de outrora". (SOUZA, A.A., 2015).

Com base nas afirmações dos entrevistados pode-se concluir a análise das entrevistas afirmando que a cidade passou e ainda passa por um processo de mudanças nas práticas de apropriação territorial e socioespaciais, devido ao aumento de violência que a cidade apresentou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia é uma ciência diversificada que possibilita a realização de diversas abordagens, pelo fato de nos permitir ter um olhar diferente, uma vez que através dela podemos interpretar e analisar diversos fenômenos. Com efeito, tais fenômenos são resultados das relações humanas ocorridas em dados espaços, e que estão tanto distantes de nós, em macro escala, quanto presentes no nosso cotidiano, em micro escala, como é o caso do fenômeno da violência urbana.

Assim sendo, este trabalho monográfico teve o cuidado de fazer a abordagem teórica de alguns estudos, anteriores, em relação à violência urbana, mostrando conceitos importantes para os estudos sobre as temáticas geográficas, o rebatimento da violência na sociedade, bem como entrevistas realizadas com alguns representantes da cidade de Aroeiras.

Após a realização de uma análise geográfica da violência urbana, na cidade de Aroeiras, pôde-se concluir que as práticas socioterritoriais sofreram mudanças negativas em meio ao crescimento da violência, que antes só era vista nas grandes cidades, e hoje vem se alastrando nas cidades de pequeno porte, assim como a estudada.

A partir dos relatos de alguns representantes da cidade, podemos perceber que os moradores, movidos pelo medo e insegurança, estão realizando mudanças nos espaços vividos. Com isso, nota-se a ausência de pessoas em espaços que antigamente eram comuns serem vistos ocupados; a diminuição da participação da população nas festas tradicionais; além disso, percebe-se a modificação nos padrões de construções das moradias. Tem-se, ainda, a problemática das famílias que migraram da zona rural para a cidade com a esperança de se sentirem mais seguras, mas infelizmente, essa não é a realidade vivenciada por elas.

Em decorrência da análise dos discursos dos sujeitos coletivos, verifica-se que as áreas com mais influência da apropriação territorial, na cidade de Aroeiras-PB, foram as ruas centrais: Rua Antônio Gonçalves (onde está localizado o comércio principal, inclusive a Praça Souto Maior) e Rua João de Souza Barbosa (onde está localizada a escola municipal Jardirene Oliveira de Souza).

Essas ruas e as áreas de entorno correspondem aos locais que passaram a serem menos frequentados pelas pessoas, principalmente no turno da noite. Outro local que também diminuiu o fluxo de pessoas foi a feira livre da cidade.

Por conseguinte, pode-se afirmar que a cidade de Aroeiras-PB está esquecida pelas autoridades locais, em meio à sensação de insegurança que aflige a população, a qual passa por momentos difíceis, vivenciando uma realidade extremamente violenta. Todavia, nenhuma atitude foi tomada, para que se amenize essa situação desconfortável.

Diante do exposto, evidencia-se que as providências a serem tomadas para amenizar a insegurança e a sensação de medo, vivenciadas pela população, seria, primeiramente, a mobilização da população, com o intuito de reivindicar das autoridades locais a contratação de mais policiais para manter a ordem, a segurança na cidade e punir os autores dos casos de violência. Já em relação às áreas de acesso à cidade, deveria existir fiscalização para combater a entrada e saída de infratores.

Desse modo, anseia-se que este trabalho contribua na divulgação dos problemas relacionados ao aumento da violência e das mudanças nas apropriações territoriais na cidade de Aroeiras, para que seja tomada alguma atitude pelas autoridades locais com o intuito de dissipar, ou pelo menos amenizar o problema da insegurança dos moradores da cidade. Espera-se também que surjam outros trabalhos com a mesma perspectiva desse.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Lana de Souza. Uma geografia da cidade: Elementos da produção do espaço urbano. Lana Cavalcante de Souza. In: **A geografia escolar e a cidade: Ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Violência, Ética e Direito: Implicações para o reconhecimento da violência doméstica contra criança**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n3/v24n3a05>>. Acesso em 10 de agosto de 2014, 18h15min.

CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa (Org.). Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

GOMES, Jordan Queiroz. Aroeiras em fios de sua história. Jordan Queiroz Gomes. In: **História dos Municípios Paraibanos**. Campina Grande: Editora EDUFPG, 2012. Volume I.

GOTTDIENER, Mark. Ecologia, Economia e Geografia urbanas: análise espacial de transação. In: **A produção Social do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

IBGE/ Cidades. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2013. Disponível em: www.ibge.com.br/cidades. Acesso em 12 de abril de 2015, 19h03min.

LEFÉVRE, Fernando; LEFÉVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo**. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul (RS): Educs, 2003. (Coleção diálogos).

LEITÃO, Lúcia. “Espaços do Medo ou Espaços do Desejo”. Lúcia Leitão. In: **Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife**, 1998.

MORAES, A.C. **Ideologias Geográficas**. São Paulo: Hucitec, 1990.

NÓBREGA Jr, José Maria. “Introdução”. José Maria Nóbrega Júnior. In: **Homicídios no Nordeste: dinâmica, relações causais e desmistificação da violência homicida**. Campina Grande: Editora EDUFPG, 2012.

SANTOS, Milton. Uma ontologia do espaço: noções fundadoras. In: **A Natureza do Espaço**. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SOUZA, Marcelo J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia: conceitos e temas**. CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. (Org.). Rio de Janeiro: Bertrand. 1995.

TANGERINO, Davi de Paiva Costa. “A escola de Chicago”. Davi da Paiva Costa Tangerino. In: **Crime e Cidade: violência e a escola de Chicago**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2007.

VASCONCELOS, Santiago Andrade. O medo ambiente Urbano e a geografia dos muros visíveis e invisíveis nas cidades contemporâneas. Santiago Andrade Vasconcelos. In: **Recife**: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Recife, 1998.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012**: os novos padrões da violência homicida no Brasil. Disponível em: <<http://dspacesnj.c3sl.ufpr.br/xmlui/handle>>. Acesso em 23 de janeiro de 2015, 19h47min.

APÊNDICES

Apêndice 1. Roteiro das entrevistas**ENTREVISTA COM ALGUNS MORADORES DA CIDADE**

- A) A cidade de Aroeiras, ontem e hoje: qual a sua percepção?
- B) Identidade Urbana: relatos sobre a vivência na cidade.
- C) As mudanças socioespaciais em Aroeiras e sua influência no aumento da violência?
- D) O direito a cidade: eventos que proporcionam a difusão de insegurança.
- E) As diversas ações dos sujeitos sociais nos usos dos espaços públicos de Aroeiras.

Apêndice 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade Acadêmica de Geografia**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DA VIOLÊNCIA URBANA EM AROEIRAS-PB E SUA INFLUÊNCIA NA APROPRIAÇÃO TERRITORIAL

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa de Conclusão de Curso que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, profissão _____, residente e domiciliado na _____, portador da cédula de identidade (RG) _____, e inscrito no CPF/MF _____, nascido (a) em ____/____/____, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo: **Uma análise geográfica da violência urbana em Aroeiras-PB e sua influência na apropriação territorial**. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas, estando ciente que:

- I) Objetivo geral da pesquisa:
- II) A participação neste projeto não tem objetivo de denegrir minha imagem sendo o destino das informações por mim fornecidas utilizadas para fins acadêmicos como publicações e apresentações em eventos científicos;
- III) Estou ciente do procedimento metodológico adotado nesta pesquisa e, em caso de dúvidas quanto a finalidade do mesmo, tenho todo o direito e autonomia de não autorizar o uso das informações fornecidas;
- IV) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;
- VI) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em atividades científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados, exceto quando for

por mim devidamente autorizado;

VII) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa através de arquivo digital fornecido pelo pesquisador.

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VIII) Autorizo o uso de gravador na condição do áudio ou a transcrição do conteúdo não seja utilizado para finalidades que não sejam acadêmicas, exceto quando o pesquisador solicitar a minha aprovação pessoal;

IX) Com relação a captura de imagem através de filmadora ou outro instrumento similar:

Não autorizo

Autorizo na condição de que o material não seja de domínio público;

Autorizo sem restrições

X) Com relação a captura de imagem através de máquina fotográfica ou outro instrumento similar:

Não autorizo

Autorizo na condição de que o material utilizado seja normatizado segundo as orientações da ABNT e que não exista indicação do meu nome, exceto quando for por mim devidamente permitido;

Autorizo sem restrições

XI) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro, ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Campina Grande, de , de 2015

Sujeito pesquisado:.....

	TESTEMUNHA 1	TESTEMUNHA 2
NOME		
RG		
TELEFONE		

Responsável pelo Projeto: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

Matrícula SIAPE 1770425

Universidade Federal de Campina Grande

Unidade Acadêmica de Geografia

Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária

Campina Grande-PB, 58429-140

Telefone para contato: 83. 99407075/ xtojunio@yahoo.com.br

Apêndice 3. Termo de Revisão Gramatical**TERMO DE REVISÃO GRAMATICAL**

Atesto para os devidos fins que eu _____
fiz a **Correção Gramatical** do Trabalho Monográfico Acadêmico: “**UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DA VIOLÊNCIA URBANA EM AROEIRAS-PB E SUA INFLUÊNCIA NA APROPRIAÇÃO TERRITORIAL**”. Atesto também que atuo na profissão de _____ e sou formado (a) no curso de _____ na Instituição _____.

Assinatura: _____

Telefone: _____

Apêndice 4. Termo de Revisão em Inglês do Resumo deste Trabalho.**TERMO DE REVISÃO DO RESUMO EM INGLÊS**

Atesto para os devidos fins que eu _____
fiz a Revisão do Resumo em Inglês do Trabalho Monográfico Acadêmico: “**UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DA VIOLÊNCIA URBANA EM AROEIRAS-PB E SUA INFLUÊNCIA NA APROPRIAÇÃO TERRITORIAL**”. Atesto também que atuo na profissão de _____ e sou formado (a) no curso de _____ na Instituição _____.

Assinatura: _____

Telefone: _____

Apêndice 5. Análise de Discurso: Entrevista com alguns representantes de segmentos sociais da cidade de Aroeiras.

Nome da 1ª pessoa entrevistada: Joselma Caetano do Nascimento Data: 11/06/2015	Ideias Centrais
<p>“Na minha época de adolescente, de jovem, nós vivíamos de turminha, com os namoradinhos e as amigas. Eu sempre morei aqui na Rua João de Souza Barbosa, conhecida como rua da areia, e era muito comum, a minha mãe ir dormir e deixar a porta escorada, e nós ficávamos do outro lado da rua com as amigas, com os namorados, às vezes entrávamos a meia-noite, quando tinha festa na rua minha mãe deixava a porta escorada e nós entrávamos, e nada nos acontecia, graças a Deus nunca aconteceu nada. Então era muito calma a nossa cidade, saíamos à noite e não tínhamos medo, hoje não podemos dizer o mesmo, eu saio daqui da escola de 21h30min, vou correndo, com medo de chegar à minha casa, é tão esquisito que nós temos medo de sair nas ruas, na minha rua, por exemplo, às 19h00min da noite estão todos com as portas fechadas, ficamos dentro de casa, a não ser que outra pessoa ligue e comunique que vai à sua casa, para que assim possamos abrir o portão, minha irmã por exemplo, faz isso comigo. Nós temos medo de sair de casa por conta de tanta violência que estamos vendo hoje em dia aqui na nossa cidade. Temos muitos locais aqui em Aroeiras que nós não passamos em certas horas da noite, a pracinha do centro da cidade é um dos locais. Em períodos de festa, por exemplo no Carnaval eu junto a minha família e nós vamos para um dos sítios da família, porque aqui na cidade o pessoal ainda tem o costume de usar máscara e roupas de papangus, então é uma insegurança para nós, porque não sabemos quem está por traz daquelas fantasias e máscaras, já teve casos de agressões da parte desses mascarados para com a população, por exemplo, o filho de Patrícia, o Bruno, foi agredido, levou vários pontos em um corte na perna, causado por uma pessoa que estava de máscara, e depois descobriram quem foi esta pessoa, mas ficou por isto mesmo, então nestes períodos de festa que vem muitas pessoas de outros locais, ficamos inseguros. Naquela festa que aconteceu na rua do Alto, no campo de futebol, que a banda foi Aviões do Forró, eu ia para a festa, mas, quando eu cheguei aqui no centro que eu vi a quantidade de carros e pessoas, eu decidi não ir mais, dei a volta e fui para casa. E ainda vou para algumas festas, como a da padroeira da cidade, levo as crianças para irem ao parquinho, nas festas de São João vamos olhar a rua logo cedo da noite, mas a vontade de estar em uma festa aqui na cidade eu não tenho, não me sinto segura. A cada dia vemos mais violência, quantos assassinatos já houve aí nesta rodoviária e ninguém tomou providência. Eu acho que o policiamento na cidade é muito pouco, deveria ter mais, uma melhor segurança pública, embora, terem ocorrido tantos fatos de violência, agora diminuiu um pouco, e os policiais que estão vindo para a cidade são pessoas que</p>	<p>Id1. Residir na cidade era sinônimo de segurança, pois, as pessoas confiavam que não estavam em situação de risco, sendo comum o hábito de deixarem as portas abertas.</p> <p>Id2. A situação hoje é diferente. As pessoas tem medo de caminhar na rua a partir de determinados horários.</p> <p>Id3. O aumento da violência tem influenciado na redução da participação das pessoas nas atividades culturais da cidade.</p> <p>Id4. O tráfico de drogas corresponde a um dos principais fatores de risco a eventos de violência, resultando na necessidade de práticas preventivas.</p>

quando precisamos eles vem, quantas vezes eu já liguei aqui da escola, quando vemos pessoas estranhas na frente, meninos novos, mas já com características de usuários de droga, e nós temos medo de que entre droga aqui na escola, então, varias vezes nós chamamos eles para nos ajudar, e somente a presença deles já intimida esses jovens. Não é querendo discriminar, mas quando nós passamos ali na pracinha do centro e vemos os jovens que conheço, eu cumprimentos, com uma boa tarde, boa noite, mas se não conhecê-los eu passo calada, na minha, nem olho. Antigamente aqui em Aroeiras todo mundo conhecia todo mundo, mas hoje tem pessoas que não conhecemos mais, vemos tantas pessoas estranhas que nunca tínhamos visto. Temos muitos jovens que são alunos aqui da escola, no turno da noite principalmente, que são usuários de drogas, e o nosso medo é que a droga entre na escola, nós já pedimos ajuda até ao Ministério Público para ajudar-nos a resolver alguns problemas que não estávamos conseguindo resolver, dar-nos conselhos para saber como agirmos”.

Nome da 2ª pessoa entrevistada: Maria do Socorro da S. Santos Data: 11/06/2015	Ideias Centrais
<p>“Antigamente era mais sossegado, mais tranquilo, nós não víamos tanta coisa ruim, não ouvíamos falar em drogas, as drogas que existiam eram as cachaças, hoje não, a droga tomou conta. São muitos jovens fazendo o que não devem, tem muita violência, e roubos. De antes até chegar no hoje a cidade mudou muito, principalmente no termo da violência. A pracinha aqui no centro se tornou, praticamente, um ponto de drogas e de prostituição, e antes era um ponto de encontro dos jovens, para conversarem, namorarem, e etc. Nós íamos ali no centro da cidade pra dar uma voltinha, hoje não podemos mais, temos medo de estar para lá e para cá e se deparar com um malfazejo que faça alguma coisa má com a gente. Na minha família, graças a Deus não houve nenhum caso de violentados. Nós se sentimos no direito de frequentar a cidade, só que ao mesmo tempo nos sentimos inseguros, assustados, aqui dentro da biblioteca, por exemplo, nós trabalhamos assustadas, com medo de que chegue alguém para nos fazer um mal, pois não temos nenhuma segurança, mesmo estando dentro daqui, e não possuindo nenhum bem material de valor. Em questão ao policiamento eu acho que deveria ter mais, sempre andando, olhando, e verificando as ruas, e são poucas as vezes que vemos esses policiais em ronda. Graças a Deus fazem alguns dias que não ouvimos falar em violência, mas de vez em quando vão nós vemos, e na semana passada foram umas pessoas presas, que com certeza estavam fazendo coisas erradas, e sempre acontece alguma violência, mas como eu não saio muito de casa, só venho na rua resolver algumas coisas e aqui na biblioteca para trabalhar, nem vivo nessas redes de informática, como face e wathsap eu não sou muito informada, as vezes as coisas acontecem e eu não sei, só venho saber depois de dias.”</p>	<p>Id1. As drogas são as principais causas do aumento da insegurança.</p> <p>Id2. As mudanças no uso dos espaços públicos ou na forma de uso influenciaram no aumento da insegurança pública.</p> <p>Id3. A imagem da cidade tem se tornado uma imagem de cidade violenta.</p> <p>Id4. A violência tem influenciado nas mudanças de práticas sociais.</p>

Nome da 3ª pessoa entrevistada: Francisco das Chagas do S. Souza Data: 11/06/2015	Ideias Centrais
<p>“Infelizmente o mal que atende a cidade não é só em Aroeiras, atinge o Brasil como um todo, e as pequenas cidades são as que mais crescem em violência, por quê? Por causa da facilidade e impunidade para com os infratores. Aroeiras, como as demais cidades pequenas, antigamente era uma cidade pacata, tranquila, você ficava nas calçadas com seus filhos, a zona rural era muito habitada, e hoje em dia não temos tranquilidade, não podemos ficar nas calçadas até certas horas. Nos dias de hoje, quando você passa por um assalto ou qualquer tipo de constrangimento, você quer ficar no anonimato, porque não se tem segurança, hoje em dia, se conhecermos aquela pessoa que tentou furtar nossa casa, ou lhe assaltar um celular, um pouco dinheiro que você tinha no bolso, às vezes não se presta queixa, por quê? porque ele vai ser preso amanhã e solto depois de amanhã, e isso terá consequências para você, então hoje é melhor dar o que tem, e perder o pouco, do que perder o muito, e o muito é a sua vida. Hoje em dia a vida é trocada por miúdos, por R\$100,00 ou R\$ 50,00, pequenos objetos como um celular, a troco quase a nada, logo a vida que é uma coisa tão preciosa, e a cidade de Aroeiras não fica longe disso, nós vemos aí a quantidade de jovens se perdendo para a droga, e seus acertos de conta que acabam em morte, e isso nos dá um sensação de insegurança tremenda. É uma cidade que tem pouco mais de cinco (5) policiais pra dar conta da segurança e da ronda, e isso fica inviável. Hoje temos a pracinha no centro da cidade, umas lanchonetes, mas não vemos uma família lanchando ali no centro, o que se vê é o pai indo comprar um lanche ou mandar um moto-táxi ir comprar e levar para comer em casa. Não se tem o prazer de caminhar na rua, porque a partir das 19h00min da noite fica extremamente perigoso se expor nas ruas. É complicado isso, a praça é deserta, o centro é deserto, só ficam as pessoas, não podemos julgar, mas, aquelas que infelizmente têm uma índole duvidosa, e a</p>	<p>Id1. Reconhecimento do fenômeno da violência como algo global, cuja repercussão em escalas menores se deve a impunidade dos infratores.</p> <p>Id2. Um dos problemas das cidades de pequeno porte se deve a real possibilidade de reconhecimento entre os sujeitos envolvidos.</p> <p>Id3. As drogas se apresentam como fator de risco.</p> <p>Id4. Os espaços públicos têm sofrido com a mudança nos seus usos deixando de se apresentar como um espaço de contato, convívio.</p>

classe, o cidadão de bem é quem fica preso em casa. Aqui não são os policiais que conhecem a rotina dos bandidos e sim os bandidos quem conhecem a rotina desses policiais. As pessoas não tem o prazer de mandar seus filhos pequenos para a escola sozinhos, os pais levam e vão buscar seus filhos na escola, a infância está sendo uma fase pulada, por não terem a oportunidade de brincar na frente da sua casa, de brincar com a família ao ar livre, simplesmente pela falta de segurança. Infelizmente não é só você que está levantando esta pesquisa, você é um grãozinho no meio do deserto, mas agente não pode perder a esperança, se não procurarmos os gestores para mostrar essa realidade e pedir melhoras para a cidade, essa situação tende a piorar”.

Nome da 4ª pessoa entrevistada: Padre Antônio Araújo de Souza. Data: 16/06/2015	Ideias Centrais
<p>“Nós temos o princípio do desenvolvimento humano, da evolução de todas as coisas, da evolução do homem, e da sociedade, e mesmo com a facilidade com que a modernidade tenha, nós percebemos que a questão do mal, da violência, é uma questão presente na vida humana, e nós percebemos que, apesar de sempre ter existido, Aroeiras sente essa falta de tranquilidade, antes as pessoas ficavam com seus familiares nas ruas, na calçada de suas casas, para reunir os amigos e até se confraternizar, mas hoje, nós vemos que a cidade percebe esse índice de violência, de preocupação internalizada pelas pessoas, com o cuidado de manter as casas fechadas, estar sempre atentos, então neste aspecto, nós percebemos que a cidade não goza mais da tranquilidade de outrora. A população vive hoje um pouco desejosa desta paz, que haja uma garantia para isso, por parte daqueles que fazem a lei, ou dos representantes legais da população, então a população espera políticas efetivas de vigilância, de discussão, de meios junto aos órgãos competentes, que venha a garantir a segurança, creio que a população tem o direito de ter isso, mas a própria população, tem que cobrar isso, reivindicar das nossas autoridades escolhidas legitimamente, que eles busquem modificar esta situação. Como agentes sociais, como membros da sociedade temos que contribuir para essa tranquilidade na nossa cidade, mas como ? por meio do respeito as pessoas, por meio da paz interior que se cria, no respeito as pessoas, no diálogo social, na tentativa de no diálogo resolver as questões, então, cada um de nós somos agentes promotores desta tranquilidade, pois tudo começa no nosso coração, não são apenas externos a nós. A população, os seres desta região desejam e alvejam políticas efetivas, a participação de todos, e que os três poderes efetivos possibilitem uma solução para isso. A questão do policiamento é uma questão estrutural, eu particularmente gosto muito de escutar o programa jornal da manhã, da rádio Caturité, o</p>	<p>Id1. Reconhece que antes a cidade tinha tranquilidade, as pessoas se expunham mais nas ruas, porém, isso não mais acontece.</p> <p>Id2. Expressa a falta de interesse e compromisso das autoridades para com a população, e esta não está reivindicando seus direitos de cidadãos.</p> <p>Id3. As pessoas podem contribuir para que haja a tranquilidade, é importante que exista a paz interior individual, para que assim, possa haver mais diálogos e menos conflitos.</p> <p>Id4. Justifica o fato de a violência ser uma</p>

<p>Comandante Wilton traz umas contribuições construtivas, e ele fala dessa questão, de que não é só a questão de Aroeiras, se for feito um levantamento de todas as cidades paraibanas, veremos que é uma questão regional e estrutural, falta-se mais contratações dos policiais, na renovação da frota policial, nos investimentos dos materiais de trabalho, e incentivos financeiros que incentivem e promovam os policiais. Percebemos que esses policiais são heróis, pais e mães de família na batalha, “se virando nos trinta”, e às vezes eles estão em carros um pouco defasados e marginalidade se utiliza dos meios de comunicação para despistá-los, então dificilmente eles irão se locomover para atender uma ocorrência. Precisa-se de uma maior fiscalização de fronteiras, porque as pessoas cometem seus delitos aqui e fogem, a extensão de nosso município é ampla, estamos próximo a Umbuzeiro, Gado Bravo, Fagundes, Natuba, Campina Grande e também do Pernambuco, então tem que ser tomadas atitudes quanto a essas fiscalização de fronteiras. Apesar de ter um âmbito maior, podemos dizer de macro escala, não é impossível que se tome iniciativas para, pelo ao menos, amenizar essa questão”.</p>	<p>questão regional e estrutural por conta da falta de policiamento nas ruas e incentivos para que os tais realizem seu trabalho com complexidade.</p> <p>Id5. Aborda a necessidade de fiscalização nas fronteiras da cidade, para que não ocorra a fuga dos criminosos.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------